

Convite  
Inauguração da exposição  
*Omnisciência: estratégias de fractura e fuga*

Exmos(as) Srs.(as)

Temos a honra de o(a) convidar para a inauguração da exposição *Omnisciência: estratégias de fractura e fuga*, no dia 2 de Novembro, às 17:00, na galeria D. Manuel I, no Fórum da Maia.

A exposição *Omnisciência: estratégias de fractura e fuga* estará patente na galeria entre os dias 2 e 8 de Novembro e conta com seis peças audiovisuais, impressões e objetos dos artistas Paula Albuquerque, Jennifer Lyn Morone, Coletivo Tiago Martins, João Correia e Sérgio Rebelo, Filipe Vilas-Boas.

No dia 8 Novembro, para assinalar o encerramento, haverá o seguinte programa:  
15h — Visita guiada com as curadoras da exposição: Ana Carvalho, Joana Pestana, Patrícia Nogueira.  
16h — Conversa com a escritora Joana Bértholo  
17h — Exibição do filme *Fordlândia Malaise* (2019, Documentário experimental, 41'), de Susana de Sousa Dias

***OMNISCIÊNCIA: Estratégias de fractura e fuga***

Galeria D. Manuel I Fórum da Maia  
2 a 8 de Novembro

*OMNISCIÊNCIA: Estratégias de fractura e fuga apresenta obras que exploram estética e conceitualmente tanto formas de vigilância tecnológica como estratégias de fuga e de ruptura. Além da vertente central, artística, a exposição é composta por mais duas vertentes: a de investigação, apresentando-se como campo de estudo transversal às diferentes expressões culturais, da literatura às artes visuais; e a pedagógica, ao expor referências bibliográficas que informaram a construção conceptual da exposição e diversos objetos quotidianos, que levam à reflexão e autoquestionamento sobre cada um de nós enquanto rastreadores e rastreados. A exposição apresenta a vigilância tecnológica como omnisciente, ou seja, sempre presente, invisível e protetora por um lado e por outro controladora, segregadora. A exposição possibilita o repensar da interseção entre humanos e tecnologias, inscritos em sistemas de controlo e de resistência e, idealmente, cultivar o sentido de responsabilidade individual e coletivo.*

Artistas: Paula Albuquerque, Jennifer Lyn Morone, Coletivo Tiago Martins, João Correia e Sérgio Rebelo, Filipe Vilas-Boas

Curadoria: Ana Carvalho, Joana Pestana, Patrícia Nogueira.

A exposição é parte integrante do programa do IRI - Imagens do Real Imaginado 2021— Ciclo de Fotografia, Cinema e Multimédia

## *Omnisciência: estratégias de fractura e fuga*

O nosso mundo é feito de comunicação: falamos, escrevemos, lemos, vemos... e para todas estas atividades desenvolvemos equipamentos e estruturas. No romance *Ecologia* (2018), a escritora Joana Bértholo descreve uma sociedade — em muito semelhante à nossa — em que a ubiquidade tecnológica articula as inteligências humana e artificial/máquina, enquadrando todas as ações (públicas e privadas) na circulação de capital. Nesse mundo projetado no futuro, o uso das palavras é um serviço: paga-se para usar a palavra, seja ela escrita ou falada.

No nosso presente, à semelhança deste universo ficcional, a produção começa pela matéria-prima. A extração e processamento dos dados que geramos, tanto nas nossas comunicações virtuais como nas nossas ações físicas, pelo uso dos nossos equipamentos pessoais, domésticos ou em espaço público, tornou-se mais valiosa do que o petróleo. Todos nós representamos dados transacionáveis e rentáveis. Na passagem da modernidade para a contemporaneidade, transitamos para o que Gilles Deleuze (1992) define como uma “sociedade de controlo”, um controlo aberto e contínuo, expandido para o campo social e de produção. Além da vigilância constante, concretizada pela propagação de câmaras espalhadas por toda a parte - espaços fechados e abertos, públicos e privados - cada um de nós transporta uma câmara diariamente, regista os outros, regista-se (ou vigia-se) a si próprio, partilha os seus interesses, os lugares que frequenta, as atividades que desenvolve, os produtos que consome. Participantes de uma sociedade auto-vigiada, estreitamos a ligação entre economia e ecologia. Ecologia, então, não é mais a relação dos seres humanos com o seu meio natural, mas com o seu meio económico-cultural.

Se a omnisciência tecnológica parece inevitável, a exposição procura fugir a um certo “determinismo tecnológico”, quer mostrando obras que tornam consciente e refletem sobre esta vigilância ubíqua, quer colocando em evidência estratégias de Fractura e Fuga a esta omnisciência tecnológica.

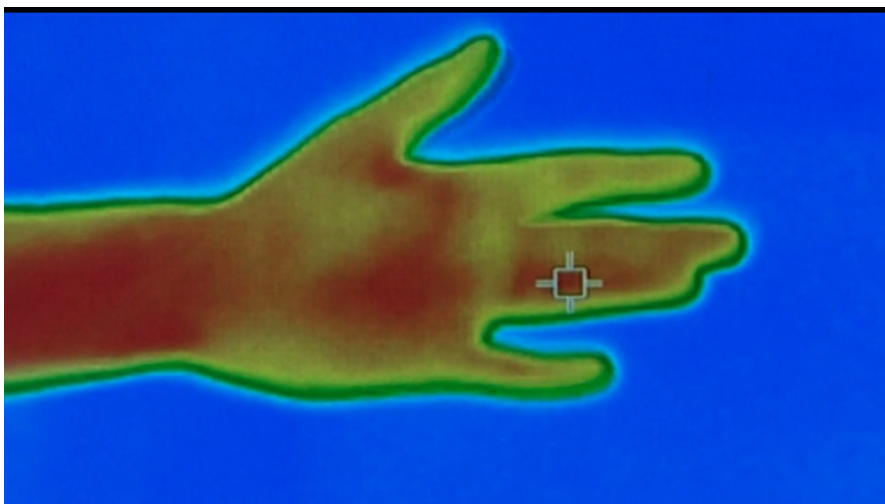
A exposição ambiciona assim abordar três vertentes: i) de investigação, abrindo possibilidades para repensar a interseção entre humanos e tecnologias, em particular sistemas de controlo e de resistência; ii) pedagógica, ao expor referências bibliográficas que informaram a construção conceitual da exposição e diversos objetos quotidianos, acompanhados de um texto descritivo, que levam à reflexão e auto-questionamento sobre cada um de nós enquanto rastreadores e rastreados e, idealmente, cultivando um sentido de responsabilidade no público; iii) artística, ao apresentar obras que exploram esteticamente e conceptualmente tanto formas de vigilância como estratégias de ruptura, na interseção entre teoria e prática, vigilância e liberdade.

## OBRAS



### **Live Streaming US** (2016), Paula Albuquerque

Um ensaio visual que recorre de imagens geradas exclusivamente por webcams acessíveis ao público, nos Estados Unidos. O potencial cinematográfico da visualidade da vigilância, aparentemente aleatória, constitui um arquivo para futuro acesso e categorização. Aqui, é adicionada outra camada de interpretação às obras de Leo Gabin e Harmony Korine, elas próprias interpretações da produção visual contemporânea da cultura americana.



### **Wash. Rinse. Repeat.** (2020), Paula Albuquerque

Uma montagem de imagens térmicas, incluindo as geradas por drones armados e de vigilância, algumas delas provenientes de equipamentos defeituosos, acompanhadas por uma voz do narrador lendo uma carta escrita por um militar para um professor do MIT.

**Paula Albuquerque** (Reino Unido) vive e trabalha em Amesterdão (Holanda), é doutorada em *Investigação Artística* pela Universidade de Amesterdão, em colaboração com a *Gerrit Rietveld Academy*, e co-coordenadora do mestrado em *Investigação Artística* da Universidade de Amesterdão. É membro do Grupo de *Investigação “Filosofia, Política e Artes”* do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, em Portugal. A sua obra experimental cinematográfica foi apresentada, entre outros, no *Netherlands Media Art Institute*, *Museu Boymans van Beuningen*, *Museu Colecção Berardo*, *Bienal de Veneza*, *Museu de Arte de São Paulo*, *Museu de Arte Beijing Today*, *Fundação Calouste Gulbenkian*.

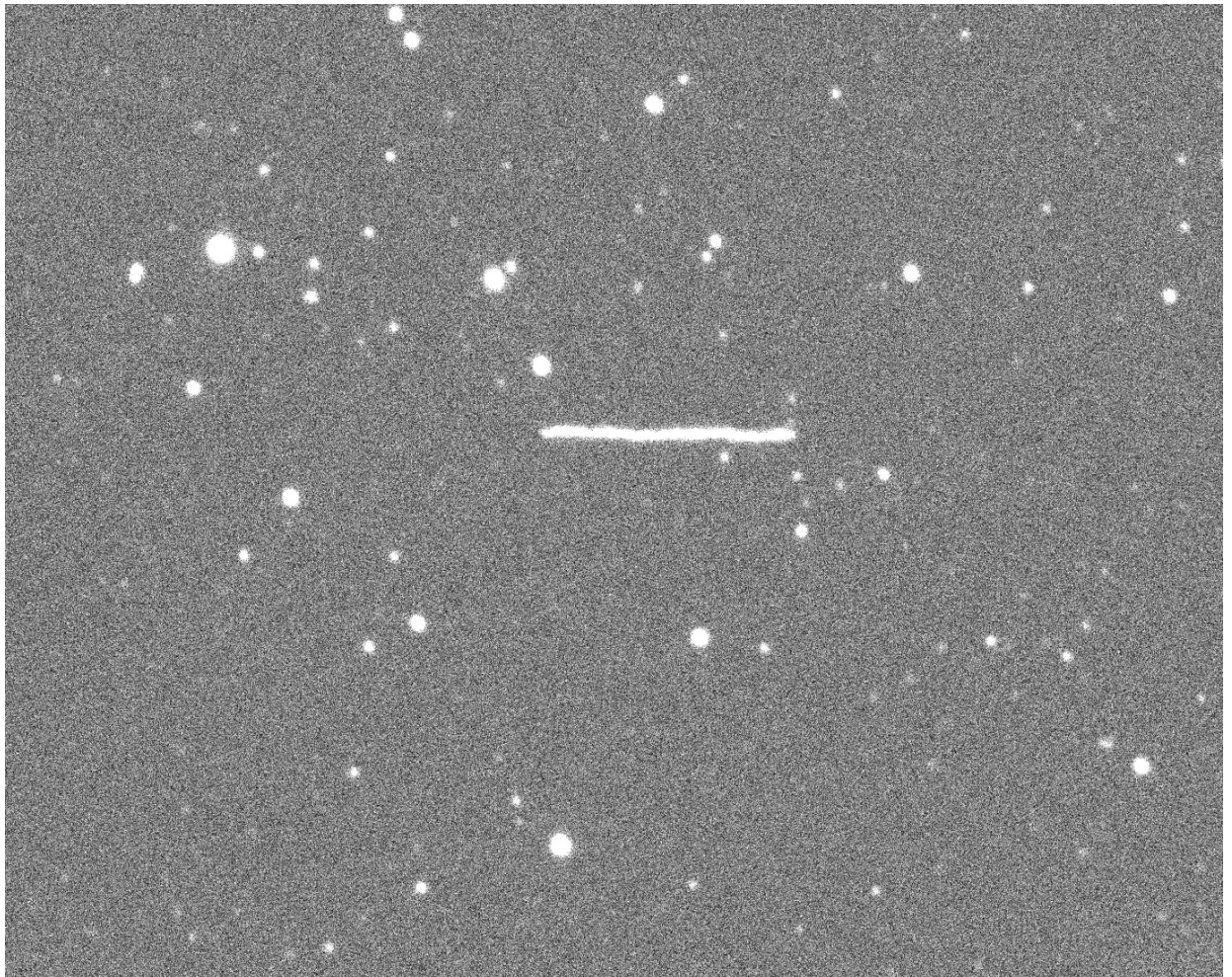


**Jennifer Lyn Morone™** (2014 - 2018), *How to Become a Corporation*

**Jennifer Lyn Morone™** (2014 - 2018), *Market Share*

**Jennifer Lyn Morone™** designa a empresa e sistema que a artista criou como um projeto artístico. O produto é a identidade digital da própria artista: ela é a fundadora, CEO, accionista e produto usando os seus próprios recursos. Se todas as ações, online mas não só, são passíveis de serem recolhidas, processadas e capitalizadas, transformadas em lucro, o modelo empresarial que Jennifer propõe permite que cada um de nós tome o controle da informação que produz ( a sua saúde, identidade genética, personalidade, competências, experiência, potencial, virtudes e vícios) e converta em lucro próprio.

**Jennifer Lyn Morone (USA, 1979)** é uma artista multidisciplinar, designer e ativista sediada na Alemanha. O seu trabalho centra-se na experiência humana em relação a tecnologia, economia, política, identidade e as questões morais e éticas relacionadas com tais sistemas. Morone tem apresentado o seu trabalho internacionalmente em instituições, festivais, museus e galerias como *ZKM (Karlsruhe)*, *Kunsthalle Düsseldorf (Dusseldorf)*, *Ars Electronica (Linz)*, *HEK (Basel)*, *Martin Gropius Bau (Berlim)*, *Science Gallery (Dublin)*, *Royal College of Art (Londres)*, *The New School*, *Transmediale*, *SMBA*, *Carroll/Fletcher Gallery (Londres)*, *panke.gallery*, *Aksioma*, *Drugo*, entre outros. Morone co-lidera a organização sem fins lucrativos *RadicalxChange Foundation* <http://jenniferlynmorone.com>



***Tracking SkyNet (2019-21), Filipe Vilas-Boas***

*Tracking SkyNet* documenta através da fotografia de longa exposição e do vídeo a órbita de um satélite de vigilância. As imagens foram captadas a partir do telescópio Alcor System de 600mm do observatório astronómico de Mars (Ardeche, França) que foi adaptado para monitorizar e capturar o movimento do satélite de vigilância SkyNet. Este gesto de observação a partir da Terra, subverte a lógica dos sistemas de *surveillance* que operam um controlo a partir de cima (*watching over*), reflectindo sobre o termo *sousveillance* (*controlo a partir de baixo*) cunhado por Steve Mann.

***Filipe Vilas-Boas (Portugal, 1981)*** é uma artista conceptual sediada em Paris. O seu trabalho, na forma de instalações, performances ou peças conceptuais explora a tecnologia, a digitilização global e as suas implicações éticas e estéticas. Vilas-Boas tem apresentado internacionalmente em museus e galerias como *Nuit Blanche Paris*, *Biennale Siana*, *Le Cube*, *The French Ministry of Culture*, *Biennale Nemo - Le 104* (França), *Athens Digital Art Festival*, *Monitor - Heraklion Contemporary Arts Festival* (Alemanha), *Zaratan*, *MAAT Museum* (Portugal) e a *Tate Modern* (Reino Unido).  
<https://filipevilasboas.com>



Retratos de Ninguém, Edifício Sede, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 2021. Fotografia de José Maças de Carvalho.

**Retratos de Ninguém (2019), Tiago Martins, João Correia e Sérgio Rebelo**

A instalação apresenta-se como um espaço de reflexão acerca do modo como a tecnologia tem vindo a moderar e a modelar a forma como nos representamos e como nos relacionamos. Utilizando como matéria-prima imagens e sons dos visitantes, no espaço da instalação é criado um ambiente audiovisual em constante mudança, definido pela síntese, projeção e reprodução efémera de um conjunto de retratos fotorrealistas. A estes retratos é atribuída uma composição sonora a partir de sons produzidos pelos visitantes.

**Tiago Martins (Mamarrosa, 1990), João Correia (Coimbra, 1986) e Sérgio Rebelo (Ovar, 1993)** formam um coletivo interdisciplinar que trabalha na interseção entre as ciências da computação, design e arte. Membros do Computational Design and Visualization Lab, um laboratório de investigação do grupo Cognitive Media Systems do Centro de Informática e Sistemas da Universidade de Coimbra, o coletivo explora abordagens de inteligência artificial para a construção algorítmica e dinâmica de artefactos. O seu trabalho tem sido apresentado nacional e internacionalmente, com participação em projetos, conferências e revistas científicas (destaque na capa da revista Leonardo) assim como em múltiplas exposições (Fundação de Serralves, Convento de São Francisco, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado).

## CONVERSA

**Joana Bértholo** (Lisboa, 1982) é escritora e dramaturga. Licenciada em Design de Comunicação na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa e Doutorada em Estudos Culturais pela European University Viadrina, na Alemanha. Publicou na Editorial Caminho vários romances, livros de contos e literatura infantil. O seu romance *Ecologia* foi semifinalista do Prémio Oceanos 2019, finalista do Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, finalista do Grande Prémio de Literatura DST e nomeado para o Grande Prémio Adamastor de Literatura Fantástica Portuguesa 2019. O Museu do Pensamento recebeu o prémio de melhor livro infantojuvenil da Sociedade Portuguesa de Autores 2018 e do Prémio Literário de Fátima na mesma categoria. Recebeu diversos outros prémios: Prémio Jovens Criadores 2005; Menção Honrosa no Prémio Nacional de Literatura Juvenil Ferreira de Castro (1998); Melhor Argumento para BD (*SOSracismo* e editora Baleiazul, 1999); Prémio Escrevendo a Partir da Pintura (Fundação Calouste Gulbenkian, 2000); Melhor Ensaio *O Movimento Olímpico* (Comité Olímpico Português, 2000); Prémio Jovens Criadores – Literatura (Clube Português de Artes e Ideias, 2005); Menção Honrosa no Prémio UP-Utopia (Universidade de Letras do Porto, 2005); 1.º lugar no Concurso Literário *Persona* (2006). E finalmente o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho (CMLoures, 2009) para o seu primeiro romance *Diálogos para o Fim do Mundo* (editorial Caminho, 2010).

## FILME



**Fordlândia Malaise** (2019), Susana de Sousa Dias  
Documentário/experimental 41'

**Fordlândia Malaise** é um filme sobre a memória e o presente de Fordlândia, a cidade-empresa fundada em 1928 por Henry Ford, na floresta amazônica. O objetivo de Henry Ford era quebrar o monopólio britânico da borracha e produzir esse material no Brasil para a sua produção de automóveis nos Estados Unidos. Neste filme, a realizadora Susana de Sousa Dias recorre à tecnologia de drones para captar imagens fantasmagóricas, construindo uma narrativa que contraria a utilização convencional das imagens aéreas ao dar visibilidade a histórias pós-coloniais. O filme estreou no Festival de Berlim e tem arrecadado prémios um pouco por todo o Mundo.

**Susana de Sousa Dias** (Lisboa, 1962), realizadora e professora universitária. Em 1984 tirou um curso de Cinema, com especialidade em Imagem, na Escola Superior de Teatro e Cinema. Licenciou-se em 1991 em Artes Plásticas e Pintura, na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Em 2005 terminou o mestrado em Estética e Filosofia da Arte, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde realizou a dissertação sobre Cinema, Arquivo e Memória. Concluiu os estudos com o doutoramento em Belas-Artes, com especialidade em Audiovisuais, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Em 2002 fez em Paris durante oito meses um “Atelier Documentaire et Archives”, na La Fémis, École Nationale Supérieure des Métiers de l’Image et du Son. As suas obras foram exibidas em vários festivais de cinemas em todo o mundo. Entre a sua filmografia destacam-se os documentários “Natureza Morta”, de 2005 e “48” de 2010, vencedor de diversos prémios, tais como: “Grand Prix” no Cinéma du Réel; “FIPRESCI Award” no DOK Leipzig; “Grand Prize” no Mar del Plata International Independent Film Festival, Argentina. O documentário “Luz Obscura” estreou no Indie Lisboa em 2017, a realizadora volta às fotografias do arquivo utilizado em “48” e foca-se nas crianças tratadas como prisioneiros. Atualmente é professora de Arte Multimédia na Faculdade de Belas Artes de Lisboa.